

A atuação salesiana em Mato Grosso, Brasil

Alexandra Lourenço¹

A atuação salesiana em Mato Grosso, Brasil

Resumo: Este artigo discute o lugar ocupado pelos Salesianos de Dom Bosco no processo “civilizatório” de Mato Grosso. Foi utilizada a literatura regional especializada, bem como as publicações da Missão Salesiana e arquivos disponíveis no NDHIR: Núcleo de Documentação Histórica e Regional, com sede na UFMT em Cuiabá.

Palavras-chave: Salesianos. Mato Grosso. Representações. Educação.

The Salesian works in Mato Grosso, Brazil

Abstract: This article discusses the place which the Salesians of Don Bosco occupied in the “civilizing” process of Mato Grosso. The following sources have been used: specialized regional literature, the Salesian Mission’s publications as well as the available archives at NDHIR: Historic and Regional Documentation Center, residing at UFMT in Cuiabá.

Keywords: Salesians. Mato Grosso. Representations. Education.

La actuación de los Salesianos en Mato Grosso, Brasil

Resumen: Este artículo analiza el lugar ocupado por los Salesianos de Don Bosco en lo proceso de “civilizar” Mato Grosso. Se utilizó una literatura especializada regional, las publicaciones de la Misión Salesiana y archivos que se encuentran disponibles en NDHIR: Centro de Documentación Histórica y Regional, con sede en la UFMT en Cuiabá.

Palabras clave: Salesianos. Mato Grosso. Representaciones. Educación.

Introdução

Este artigo pretende contribuir para a compreensão das práticas e representações presentes na construção de um projeto “educacional” salesiano para Mato Grosso, no contexto de modernização do primeiro período republicano. Considerando a fundação das escolas e da Missão Salesiana, como parte do projeto civilizatório, à medida em que se constituíram em resposta às necessidades de educar pelo e para o trabalho.

Acredita-se que este projeto civilizatório dos salesianos e os objetivos que deveria cumprir podem ser considerados um ramo das mesmas práticas e representações que guiaram os sonhos de progresso e civilização para a região. Pode ser pensado como tendo sido gestado no sonho de progresso para o sertão, ao mesmo tempo que se constitui em ferramenta para sua realização. Assim, buscamos apresentar e discutir algumas das representações que envolveram a instalação do projeto salesiano de educação em Mato Grosso, ao final do século XIX e início do XX. Identificar as relações que se estabeleceram entre práticas e representações, e a problemática da construção, em Mato Grosso, de uma sociedade moderna e civilizada, tal como se apresentava nos discursos das autoridades

¹ Departamento de História. Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, campus de Irati - PR.

mato-grossenses.

A literatura regional especializada no que se refere ao processo de produção do espaço mato-grossense tem salientado a importância das representações de “sertão e fronteira” na trajetória da ocupação dessa parte do Brasil, constituindo um imaginário geográfico acerca da região (GALETTI, 1994). Dentre estas representações, pudemos constatar a necessidade de se contrapor a imagem de barbárie, associada às populações e ao território mato-grossense. É nesse contexto que acreditamos ter sido importante a contribuição salesiana. As representações do atrasado e moderno, desenvolvido e subdesenvolvido, marcaram a história de Mato Grosso, e interferiram diretamente na ocupação e colonização do estado.

Se partirmos da premissa de que os espaços sociais possuem em sua construção uma dimensão subjetiva, ou seja, as ideologias e as representações do espaço são elementos essenciais à compreensão do seu processo de construção, podemos, então, observar que estas se constituem em uma leitura do mundo que orienta as ações, algo parecido com o que Émile Durkheim (s/d) consideraria uma representação coletiva, ou ainda na visão de Roger Chartier (1988), em que as representações coletivas são tanto a origem como o efeito das práticas que constroem o mundo social. Portanto, compreendemos que qualquer prática tem por orientação uma determinada forma de pensar, de representar, e nesse sentido é que defendemos a perspectiva de que a compreensão da vinda dos salesianos para o Mato Grosso precisa ser analisada no contexto das representações dessas terras e de sua população.

O Trabalho Inicial na Europa

A história da Sociedade São Francisco de Sales, fundada pelo padre João Bosco, em 1859, no norte da Itália, e mais tarde denominada Congregação Salesiana, inscreve-se no contexto de emergência da sociedade industrial na Europa, e sua fundação pode ser vista como uma das respostas da Igreja Católica às transformações sociopolíticas, econômicas e culturais que afetaram a sociedade ocidental ao longo do século XIX². O trabalho da Ordem criada por D. Bosco se desenvolveu dentro desse contexto europeu, ligado às transformações que iam constituindo a “moderna” sociedade europeia; ensinavam para o trabalho e pelo trabalho. O próprio público a que se destinava foi gestado na Revolução Industrial, pois se tratava justamente dos jovens pobres que tinham dificuldades para sobreviver em uma Europa de crescente desemprego. “Modernos”³ também, eram os procedimentos adotados pelos salesianos, que cedo substituíram os antigos castigos corporais pela vigilância, realizada

² A Itália, mais propriamente a região do Piemonte, foi profundamente marcada pelos efeitos do processo de industrialização em curso: o crescente êxodo rural, o aumento das populações urbanas, da exploração nas fábricas, das mazelas sociais e psicológicas próprias da acelerada urbanização; numa palavra, o processo de modernização como reflexo da Revolução Industrial. (FRANCISCO, 1998, p.78)

³ Era o controle do tempo e dos corpos através da vigilância.

por meio da presença constante dos religiosos entre os jovens.

No entanto, inicialmente voltada apenas para a educação desses jovens, e crianças pobres da região italiana do Piemonte, a congregação de Dom Bosco, por sua iniciativa, começou a obra das Missões Salesianas em 1875, ampliando a sua ação, para envolver-se com o projeto de empreender uma cruzada de evangelização e civilização fora dos limites europeus. Em pouco tempo, os salesianos iriam expandir seu trabalho para além desses limites, enviando seus missionários para a América, não raro em resposta a convites dos dirigentes locais. Ao mesmo tempo em que atendiam às necessidades da própria Igreja católica de recuperar, no chamado Novo Mundo, por meio da catequese, o que havia perdido no velho mundo depois da Reforma.

É importante destacar que a perspectiva de empreender a missão civilizadora por meio do mundo não europeu, esse Outro geográfico, que deveria ser transformado à imagem e semelhança da Europa, fez parte da ideologia de expansão imperialista do final do século XIX e primeiras décadas do XX. Como assinala Galetti, esta expansão ocorreu, “[...] num momento chave de afirmação das nacionalidades, [...] e foi grandemente estimulada pelo nacionalismo, como ideologia justificadora e impulsionadora da conquista e dominação de outros espaços e povos” (GALETTI, 2000, p. 23). E, portanto, nesse cenário⁴ “[...] a missão civilizadora era, uma tarefa em que estavam em jogo o poder e a glória de países que se imaginavam como nações já constituídas, unificadas por uma língua, uma história e tradições comuns que atestavam a singularidade de seu povo.” (GALETTI, 2000, p. 23).

Sem dúvida, o projeto expansionista dos salesianos, embora respondesse a interesses e necessidades da Igreja Católica, estava inserido em um sonho colonizador mais amplo, representado pela missão civilizadora preconizada pelos países imperialistas. Missão essa que encontrava eco dentro da igreja católica (bem como nas protestantes), mesmo naqueles países europeus que, como a Itália, não acompanhavam, no mesmo ritmo, as políticas colonialistas desenvolvidas pelos países mais industrializados do continente.

A conquista do “Outro Geográfico”

Foi assim que, em 1875, orientados pelas representações acerca do continente americano, mais precisamente o Brasil, como um local ensolarado e repleto de tribos selvagens carentes de civilização, teve início o trabalho das missões, quando a Congregação Salesiana fundou uma inspetoria para organizar sua ação na América Latina. Em 1881, esta inspetoria foi dividida em duas, confiando-se a casa do Uruguai ao Bispo Dom Luís Lasagna, que também deveria se encarregar das obras no Brasil,

⁴ Neste caso, como atestam a história da Inglaterra, da França, da Bélgica e da Alemanha, a nação foi mobilizada para uma missão progressista e civilizadora que se realizava fora de seus limites e, portanto, em espaços estranhos à comunidade nacional. [...] E, sobretudo, tarefa percebida como própria de nações onde o processo civilizatório já havia atingido o patamar mais alto e que, por isso mesmo, estavam em condições de civilizar outras terras e povos. (GALETTI, 2000, p. 23) .

país que os salesianos viam como uma grande possibilidade para sua expansão. Para a ordem de D. Bosco:

O Brasil, o imenso império do Brasil é o campo glorioso de trabalho que a divina Providência oferece [...] aos filhos de São Francisco de Sales [...] enquanto nossos irmãos irão à conquista das gélidas praias da Patagônia, nós, sob as raios do sol tropical, subiremos rios e deixando para trás o Uruguai, a República Argentina, o Paraguai, adentraremos as províncias mais internas à conquista de numerosas tribos selvagens. (CORAZZA, 1995, p. 21).

Em 1894, quando os primeiros padres salesianos chegaram a Mato Grosso, a imagem mais forte deste estado da federação brasileira era a de um lugar atrasado e incivilizado. Galetti (2000), que estudou as representações da região mato-grossense produzidas entre meados do século XIX e início do XX, tendo como referência obras de viajantes estrangeiros e nacionais, mostra que eles reafirmam, apesar de suas diferenças, a ideia de uma região remota, um grande sertão rico, mas, ainda quase vazio, com grande parte de seu território habitado por povos indígenas selvagens e uma população não indígena quase bárbara, atrasada, preguiçosa e incivilizada. Tratava-se, enfim, de um espaço de fronteira⁵ entre barbárie e civilização e, como tal, deveria ser objeto de ações e empreendimentos voltados para a sua colonização, modernização e progresso, visando colocá-lo num patamar mais alto de civilização. Um resumo dessas imagens pode ser observado no relatório de um presidente da província de Mato Grosso, escrito em 1878:

Na vastidão do seu território, cheio de imensos desertos, coberto de virgens florestas, onde até hoje o homem civilizado ainda não penetrou, a população rareia tanto que está quase na razão de um habitante por légua quadrada! Sem braços que fertilizem o solo, aliás capaz de conter comodamente mais de cem milhões de habitantes, atentas a suas condições naturais, iguais ou superiores aos mais fecundos países da Europa; como poderão ser aproveitadas as inumeráveis e inexauríveis fontes de riqueza que aqui existem e que encham de admiração os estrangeiros que as contemplam?! A colonização, pois, será o maravilhoso condão que um dia transformará esta terra esquecida do mundo civilizado num dos torrões mais opulentos do globo. Mas como atrair as correntes de emigração quando a distância, a falta de segurança para os colonos, entre tantas hordas de índios bravios, apresentam-se como barreiras invencíveis para trazê-los até aqui? [...] O que cumpre-nos [...] é remover primeiro os obstáculos que se antepõem. Suprima-se à distância, catequize-se o selvagem menos bravo, e afugente-se o mais indomável, se tanto for preciso, e a colonização espontânea, única profícua, virá com seus braços e capitais transformar esta terra ainda de desterro num Éden do Brasil. (PEDROSA, 1878, p. 34-35)

Em 1913, essa visão de Mato Grosso ainda prevalecia, como se nada houvesse mudado nesses trinta e cinco anos. A propaganda acerca do Brasil, publicada naquele ano, retratava Mato Grosso como um estado em que o progresso ainda não chegara, como uma região ainda virgem e primitiva, pois “[...] seus recursos são numerosos mas estão todos no abandono. Tem sido encontrados [...] ouro,

⁵ As noções de sertões e fronteira foram centrais nos discursos que tiveram como objeto a província/estado de Mato Grosso e se constituíram em conceitos fundamentais para compreender esta parte do Brasil. O conceito de fronteira será pensado, neste estudo, segundo os significados que ora designam regiões limites entre natureza e cultura, civilização e barbárie ora definem os marcos simbólicos de uma alteridade entre selvagens e civilizados e entre soberanias distintas. Esta definição também foi utilizada nos estudos de Galetti.

diamantes, outros minerais, mas nenhuma dessas riquezas está, por assim dizer, explorada.” (*apud* GALETTI, 2000, p. 3). E continuava a pintar o quadro no qual Mato Grosso, ainda que possuidor de muitos recursos, não estava sintonizado com o progresso. “As suas florestas abundam em valiosas madeiras, mas aguardam quem delas tire vantagens. Inúmeros frutos produz o seu solo, mas caem de maduros, sem serem aproveitados. É ainda uma terra em que a natureza mantém o seu domínio, terra que não conhece a mão do homem.” (*apud* GALETTI, 2000, p. 3).

No entanto, durante os anos que vão do pós-guerra contra o Paraguai, até por volta da década de 1920, a região mato-grossense viveu um processo de modernização de suas atividades produtivas, e articulou-se de maneira mais efetiva à economia mundial, por meio do comércio de importação e exportação pela bacia do Prata, que teve sua navegação liberada após a citada guerra (ALVES, 1995). Em 1870, a reabertura da navegação pelo rio Paraguai ligou Mato Grosso ao circuito internacional de capital, inaugurando uma nova fase na história econômica regional. A exportação de matérias-primas, a importação de industrializados e a incipiente indústria de açúcar e subprodutos pecuários propiciaram a criação de casas bancárias, casas comerciais e o início do desenvolvimento urbano das cidades de Corumbá, Cuiabá e Cáceres, transformando-as em centros de atividades comerciais. Com essa movimentação também penetraram com mais força no cenário mato-grossense as ideias de modernização, de progresso e de civilização oriundas do cenário europeu. (ALVES, 1984; VOLPATO, 1993; SIQUEIRA, 1990.)

Como já tem sido largamente discutido na produção teórica acerca da expansão capitalista, esse ideário, que acompanhava o processo de modernização trazido pela industrialização, não ficou restrito ao continente europeu, pelo contrário, sua ramificação teve uma dimensão mundial e seus desdobramentos chegaram a todos os continentes, no decorrer do século XIX e inícios do XX, [...]. Na esteira da II Revolução Industrial e da hegemonia política e econômica dos países industrializados da Europa, o ideário liberal burguês de progresso e civilização propagou-se por todo o mundo, até às regiões mais remotas da América, África e Ásia.” (GALETTI, 2000, p. 8). O que estava em jogo nesse processo, como afirma Hobsbawm, era “a conquista do globo pelas imagens, ideias e aspirações de sua “minoría” desenvolvida, tanto pela força e pelas instituições como por meio do exemplo e da transformação social.” (HOBSBAWM, 1988, p. 114). O fato era que as concepções sobre o progresso e a modernidade acabavam por acentuar a condição sertaneja de Mato Grosso como o contrário do mundo moderno.

Nesta perspectiva, a vinda dos salesianos para Mato Grosso, estado com imensa população indígena, inscreve-se nesse contexto mais amplo, e seus empreendimentos ocuparão um lugar destacado no projeto de trazer o progresso e a civilização para a região. Um projeto no qual a “fórmula civilizadora” preconizada pelos viajantes estrangeiros e pelas elites políticas e intelectual brasileira apontava para a colonização e o povoamento, com a vinda de imigrantes europeus para preencher o “vazio” demográfico da região, e a implantação de meios modernos de comunicação. No caso das elites nacionais, sobretudo após a abolição da escravatura, em meio às exigências da transição para o trabalho livre, esse projeto incluía também a necessidade de educar as populações locais para o

trabalho, como forma de vencer a sua indolência e arrancá-las da barbárie, submetendo-as às novas exigências econômicas. E isto servia tanto para os indígenas que deveriam ser civilizados, fosse por meio da religião ou de procedimentos laicos, quanto para as populações não indígenas, que eram vistas como inferiores, e quase tão bárbaras, quanto as indígenas. (GALETTI, 2000).

As elites mato-grossenses, do final do XIX e início do XX, embora com restrições que diziam respeito à sua própria imagem, comungaram das representações que projetavam Mato Grosso como lugar bárbaro e incivilizado e adotaram plenamente aquela fórmula civilizadora. Para elas, a presença das sociedades indígenas, que ocupavam grande parte das terras do estado, e as populações mestiças pobres eram elementos que impossibilitavam o progresso da região, e, por isso, clamavam por empreendimentos que viessem a modificar a situação. Essas populações eram consideradas, em grande parte, como responsáveis pelo atraso e pela pobreza de Mato Grosso, como se pode observar em uma passagem de um relatório do governador do estado, durante o período republicano. Segundo ele: “Eis [...] uma das razões porque, sendo ‘naturalmente ricos’, devemos reconhecer, entretanto, que somos economicamente pobres’. [...] Seremos sempre fracos e pobres enquanto a provisão humana da nossa terra, isto é, a população for essa que aí vive essa vida descuidada do futuro.” (*apud* GALETTI, 2000, p. 256).

A fraqueza moral dessa população incivilizada era também discutida pela imprensa local, que enfatizava em suas publicações a preocupação com o progresso do estado.

O que atualmente testemunhamos contristados é o enfezamento de uma descendência de bandeirantes audazes que à falta de entrosamento com outras correntes étnicas e por outro conhecidos quocientes vai-se incapacitando para vencer este deserto em que nos insularam os seus primitivos descobridores. [...] Salvo pouquíssimas exceções [...] o cerne da nossa raça é falho da instrução geral de nossa época [...] e incapaz de trazer a nossa terra os elementos de progresso material que precisamos, jazendo a agricultura, a pecuária e outras indústrias nos processos do homem primitivo [...]. Ao demais, a falta de educação moral e cívica de nossa gente [...] determina o lento povoamento do nosso solo com agrupamentos de vida social tão dispares da época [...] que realmente torna-se ingente [...] chamá-los ao grêmio da civilização. (O Mato Grosso 13-04-1919, *apud* GALETTI, 2000, p. 257)

Na realidade, a elite intelectual e política local vinha há tempos lidando com as imagens que estrangeiros e os outros brasileiros faziam desses sertões, considerados como local de exuberante natureza, mas selvagem e de povo preguiçoso. Essa visão em nada favorecia a atração de braços e investimentos estrangeiros, e colocava a elite local na busca por solucionar o problema. Mas, ainda que não gostassem de admiti-lo, não poderiam escapar da concordância com aquelas imagens à medida em que seu pensamento também estava orientado pela noção de progresso e civilização difundidos pelos europeus. De acordo com Galetti, nas primeiras décadas do século XX, as elites intelectuais mato-grossenses viviam esse dilema e sofriam de uma espécie de “mal estar cultural”, diante de sua própria visão, acerca de sua terra natal. Não somente pelo “[...] sentimento de angústia e preocupação quanto ao futuro que estaria reservado a Mato Grosso, de indignação e revolta face às apreciações negativas que denegriam a imagem da região e de seus habitantes, mas também, do reconhecimento de que boa parte destas apreciações era verdadeira.” (GALETTI, 2000, p. 256).

Todavia, se de um lado as elites locais, sobretudo a elite letrada, sentiam-se atingidas pela imagem de barbárie que se fazia de Mato Grosso⁶, por outro, desenvolviam o esforço de trazer o progresso e civilizar a sua terra natal, buscando mudar essa imagem. A "elite letrada" do estado era composta pelos filhos de famílias abastadas, que podiam encaminhá-los aos estudos na capital federal ou a outros centros, formada por médicos, advogados, engenheiro militar, clérigos, comerciantes, dentre outros vindos de diferentes regiões. Foi esta "elite" a divulgadora de ideias e hábitos, forjadores da desejada modernização e do modelo de civilização, calcado nos discursos vindo da Europa ou do litoral civilizado (a capital brasileira). (Cf. GALETTI, 2000; MACIEL, 1992).

Nesse contexto, podemos entender o lugar da ordem salesiana no projeto civilizatório, que a elite mato-grossense buscava implementar em Mato Grosso, com vistas a sintonizá-lo com o mundo moderno e promover a eliminação da barbárie, da indolência, da falta de disciplina para o trabalho, que, de acordo com os defensores de tal projeto, estava disseminada entre os habitantes indígenas e não indígenas do território mato-grossense. Desejada e solicitada, formalmente, pelas autoridades políticas e religiosas de Mato Grosso, a missão civilizadora dos salesianos harmonizava-se perfeitamente com aquele projeto, sobretudo no que dizia respeito aos indígenas.

De fato, a presença das inúmeras sociedades indígenas em vastas porções do território mato-grossense conferia uma importância decisiva à ação evangelizadora e civilizadora dos salesianos. É importante frisar que a presença dessas sociedades constituiu-se em um dos aspectos mais importantes na caracterização desse território, como um espaço onde reinava a barbárie. A essa presença se imputava em grande parte o atraso da região e sua marcha retardada no rumo do progresso

⁶ Enredados nessa ambiguidade, os nativos tiveram dificuldades em representar a si próprios e a sua terra natal de forma a contrapor-se, efetivamente, aos elementos de barbárie com os quais eram identificados. Dificuldades que resultavam, em parte, da adesão dos nativos aos mesmos paradigmas que presidiam as apreciações do estrangeiros. De fato, uma parcela significativa dos mato-grossenses letrados esteve muito bem sintonizada com as ideias científicas, positivistas e darwinistas-sociais que circulavam no Rio de Janeiro e São Paulo, principais centros culturais do país, como ocorria aliás nos demais estados situados fora desse eixo. Muitos deles estudaram nas mais renomadas escolas superiores destas cidades, como a Faculdade de Direito de São Paulo e a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e tinham não só uma vivência das diferenças que separavam Mato Grosso desses estados, cujas capitais viviam um intenso processo de modernização, como também um contato direto com o ideário progressista e científico que dava a tônica ao debate intelectual de fins do século XIX e primeiras décadas do XX. (GALETTI, 2000, p. 90).

e da civilização⁷. Para as elites dirigentes e intelectuais de Mato Grosso, para os grandes proprietários locais e mesmo para uma parte da população não indígena, a presença dos índios, mais do que “macular” a imagem da região era um problema concreto que precisava de respostas urgentes e efetivas, “pois era tida como um poderoso obstáculo à colonização do território mato-grossense, ao seu progresso econômico, já que impediam uma exploração mais intensiva e extensiva de suas tão decantadas riquezas” (GALETTI, 2000, p.107). No período republicano, o governador do estado, Manoel José Moutinho, expressou sua opinião acerca do assunto:

A catequese e a civilização dos nossos indígenas continuam a ser uma das mais sérias preocupações do governo, interessado como deve ser no aproveitamento de tantos braços ociosos, e que, bem empregados, poderão concorrer para a produção da riqueza econômica do Estado. (Manoel José Moutinho. Mensagem à Assembleia Legislativa de Mato Grosso, de 13 de maio de 1893).

Nesse quadro, a vinda dos salesianos para Mato Grosso revestia-se de grande expectativa e, tanto para as elites proprietárias e dirigentes, quanto para a cúpula da Igreja Católica, sua ação era considerada decisiva para a resolução do “problema indígena”. Quanto aos próprios salesianos, podemos presumir⁸ que compartilhavam das imagens mais recorrentes acerca da região mato-grossense, considerando-a como lugar selvagem, onde reinava a barbárie indígena e a indolência das populações mestiças, obstáculo ao progresso material e espiritual da região. Contudo, como veremos mais adiante, a ação desses religiosos não se limitou à catequese dos indígenas. Também esteve voltada para uma tarefa que as elites mato-grossenses, e eles próprios, consideravam fundamental: disciplinar e instruir as populações despossuídas, corrigir os indivíduos vadios e preguiçosos.

A ação no sentido de promover a vinda dos salesianos a Mato Grosso partiu inicialmente do bispo de Cuiabá, Dom Carlos Luís d'Amour, por meio de cartas dirigidas a D. Lasagna, então bispo de Trípoli, e superior das missões do Brasil, Uruguai e Paraguai, a partir de 1882, nas quais descrevia a angustiante situação em que se encontrava sua diocese e pedia-lhe que intercedesse junto a D. Bosco a fim de que este consentisse em enviar missionários a Mato Grosso a Cuiabá. Nas cartas, D. Carlos reforçava o imaginário europeu referente à região: “terra rica de ouro e diamantes, mas pobre porque completamente abandonada a miséria e a ignorância e nela existem milhares de selvagens, aos quais

⁷ Como argumenta Galetti, referindo-se às representações elaboradas pelos viajantes estrangeiros: “A associação entre os indígenas e o território mato-grossense diz respeito ao modo como a presença dos primeiros contribui para caracterizar Mato Grosso como um espaço onde a segurança é instável e os riscos de vida para os civilizados são uma constante. Alguns relatos estão pontilhados de histórias contadas por colonos, ou lidas nas crônicas coloniais, sobre horripilantes ataques indígenas, cujos resultados são quase sempre mortes, depredações e destruição. Neste registro, é quase regra geral que o índio apareça como um renitente obstáculo aos avanços do progresso e da civilização. Inexorável, este avanço requer, entretanto, que os representantes da civilização tracem estratégias para a remoção deste obstáculo, seja através da catequese, aldeamentos agrícolas, ou mesmo pelo uso da força.” (GALETTI, 2000, p.107).

⁸ Esta observação foi construída com base no texto das cartas escritas por Dom Lasagna destinada a convencer Roma da importância do trabalho salesiano em Mato Grosso. Cf: CORAZZA, 1995.

não chegou ainda sequer um missionário." (CORAZZA, 1995, p. 21-22).

Os pedidos continuaram e, ainda em 1882, D. Carlos conseguiu que o imperador D. Pedro II concedesse quatro passagens da Itália para o Brasil, para que os salesianos pudessem enviar os primeiros missionários a Mato Grosso. Contudo, alegando falta de pessoal, Padre Rua, superior da congregação e sucessor de D. Bosco, arquivou temporariamente a vinda dos dois membros, que só iriam vir para estas terras em 1894. O governo do estado não ficou alheio aos esforços de D. Carlos. Em 1890, o governador enviou ofício ao bispo reconhecendo a "conveniência de entregar a missionários e religiosos a catequese dos indígenas, e lhe solicitando, a valiosa intervenção a fim de virem, quanto antes, a este estado alguns religiosos se encarregar da civilização dos índios." (CORAZZA, 1995, p.25).

Naturalmente, não era apenas a catequese que o bispado de Cuiabá e o governo de Mato Grosso tinham em mente, mas também o interesse em que os salesianos fundassem um liceu de ofícios em Cuiabá. Em novas cartas aos superiores salesianos sediados em Montevidéu e Turim, D. Carlos se refere a esse desejo e, em 1892, apela para a ajuda do Cardeal Rampolla, pedindo-lhe que escrevesse "três palavras só ao P. Miguel Rua a fim de que, quanto antes, envie ao menos quatro missionários para catequese dos índios e um Liceu de Artes e Ofícios". (CORAZZA, 1995, p. 25).

Todavia, o interesse na vinda dos salesianos partia também da própria ordem de D. Bosco. Como assinalado anteriormente, o projeto das Missões Salesianas estava sintonizado com o ideário imperialista europeu, que preconizava uma missão civilizadora naquelas regiões do mundo consideradas bárbaras e atrasadas. Os missionários salesianos se viam simultaneamente como arautos do cristianismo e da civilização, responsáveis por transformar os selvagens e preguiçosos nativos daquelas regiões em cristãos ordeiros e disciplinados para o trabalho.

Nesse cenário, as respostas da ordem de D. Bosco aos apelos de D. Carlos D'Amour e do governo de Mato Grosso não tardariam a dar frutos. Em 1893, Padre Lasagna, o responsável pelas ações da Ordem no Brasil, foi consagrado bispo na Basílica do Sagrado Coração em Roma, sendo recebido por Leão XIII, como Bispo dos Índios do Brasil. Posteriormente, em setembro do mesmo ano, padre Lasagna percorreu o interior de São Paulo, pois julgava ser Botucatu a localidade ideal para evangelização dos índios, mas acabou por perceber que não era o lugar mais favorável e assim voltou sua atenção para Mato Grosso, percebendo-o como lugar estratégico para a evangelização. Em carta escrita a Dom Carlos afirmou: "Embora não possa ir a Cuiabá neste ano, aceito a freguesia de São Gonçalo, na esperança que o recinto da paróquia proporcione salas de aula e pátios." (CORAZZA, 1995, p. 25). Entretanto, seus objetivos, juntamente com os do Estado, não foram imediatamente alcançados, pois seus superiores de Roma resolveram aguardar um pouco mais, acirrando, assim, uma disputa dentro do clero. Podemos observar tal afirmação no comentário de Dom Lasagna: "o demônio valendo-se do ciúme de um bispo novo e inexperiente, tenta entornar as águas" (CORAZZA, 1995, p. 26). Mas, prosseguindo em seu sonho desbravador, Dom Lasagna planejava e escrevia em 9 de setembro de 1893:

Atingiremos Mato Grosso para ali fixar o centro de nossas atividades. Mato Grosso é o ponto mais estratégico: o centro, o coração da vida de numerosas tribos... Para uma ação eficaz dos sacerdotes é necessária, porém, a presença de bons catequizadores e abnegados coadjutores. Sem eles, as missões não teriam frutos seguros e duradouros. [...] Quem sabe não chegaremos um dia, após transpor as montanhas dos Parecis e descer os rios Arinos e Tapajós, dar as mãos aos irmãos que deverão dar início às missões do Pará e do Amazonas? Que belo dia será esse! Queira Deus, em sua infinita bondade, apressá-lo! (CORAZZA, 1995, p. 26)

Mato Grosso trouxe o gosto da descoberta aos seguidores de Dom Bosco. Segundo o Pe. José Corazza:

Quando em 1929, o grande Papa de Dom Bosco, Pio XI, recebeu em audiência Dom Francisco de Aquino Correia, Arcebispo de Cuiabá em Mato Grosso, salesiano, presente em Roma para a beatificação de Dom Bosco, disse-lhe o Papa: "Julgava que Mato Grosso fosse uma invenção dos salesianos...e Vossa Excelência é de lá..." - "Sim santidade", respondeu o Arcebispo. Nove anos mais tarde, Pio XI recebia o mesmo Arcebispo e, como retomando o discurso a pouco interrompido, concluía: "invenção"! Entendida isto no sentido latino: descoberta. (CORAZZA, 1995, p. 15).

Realmente, Mato Grosso se apresentava aos salesianos como uma descoberta que a eles caberia divulgá-la ao mundo, por meio da sua obra de catequese, de seus escritos e das frequentes visitas do padre Malan à Europa, em busca de auxílio.

O trabalho em terras mato-grossenses

Chegando a Cuiabá no ano de 1894, os salesianos instalaram a obra que é um traço característico da congregação, o Oratório⁹, o qual rapidamente estava repleto de meninos e de olhos curiosos de representantes do governo. Estas visitas oficiais foram fundamentais para o estabelecimento da Missão em Mato Grosso, pois foram momentos de diálogo entre a Igreja e aquele que seria seu futuro aliado, o Estado, na tarefa de instalar escolas e garantir a civilização dos "incultos" e "selvagens" dessa terra.

O dueto Estado- Igreja também pode ser observado na fundação do Liceu de Artes e Ofícios São Gonçalo, em 1896, pois, para a compra de uma chácara situada à margem esquerda do córrego da Prainha, próxima a Igreja São Gonçalo, os salesianos contaram com um auxílio do governo do estado. A partir de 1897, passou a funcionar, anexo ao Lyceo, o Oratório festivo. Nesse mesmo ano foi aberto o "Oratório Santo Antônio", nas proximidades do Coxipó da Ponte, que mais tarde se transformaria na Escola Agrícola. A crença na eficiência salesiana em domar o indomável atingiu não apenas o governo do estado, mas até mesmo outros setores da sociedade que investiram nessa "ajuda".

No intuito de explorar as riquezas do norte do estado de Mato Grosso, o banco Rio Mato Grosso

⁹ O oratório funciona como um espaço destinado aos jovens carentes, onde estes praticam jogos, esportes participam de brincadeiras e são aos poucos evangelizados. Esta forma de trabalho ocorre em alguns dias da semana, preferencialmente nos Domingos e os seus frequentadores não possuem vínculo com a instituição, eles podem ir e vir quando desejarem. Foi a primeira forma adotada por D. Bosco para se aproximar dos jovens.

planejou organizar uma expedição até as regiões do Juruema e Alto Tapajós. Sabendo-se da existência de várias tribos, no ensejo de encerrar pacíficas relações com os índios a Diretoria do Banco decidiu confiar a expedição aos Salesianos de Cuiabá. (CORAZZA, 1995, p. 50).

A ideia de salvar não somente os incultos filhos da terra, mas o próprio sertão mato-grossense da selvageria e da ignorância era uma preocupação não apenas dos salesianos ou dos mato-grossenses ilustres, mas, que pode ser percebida na intelectualidade brasileira da época, que afirmava não haver outro instrumento capaz de elevar o Brasil aos patamares da civilização e do progresso senão a educação. Assim, imbuídos do desejo de civilizar Mato Grosso, os governantes do estado convidaram os salesianos, acreditando na possibilidade de se instaurar a ordem agora, também, por meio da educação (transformar os milhares de índios em força de trabalho, formar mão de obra local e quadros da elite).

Os resultados da aplicação do método salesiano: a propaganda do progresso

Em 1908, dezesseis anos depois da chegada da Congregação em Mato Grosso, os salesianos, sempre contando com a ajuda do governo do estado, já haviam conseguido responder a alguns dos desafios que lhe haviam sido colocados, tanto pelos dirigentes mato-grossenses, quanto pelo próprio projeto civilizador da Ordem de D. Bosco. Podemos observar as realizações do projeto salesiano até o ano de 1908, por eles mesmos resumidos na obra *Missões Salesianas em Mato Grosso 1894-1908*:

Em Cuyabá : 1) Lyceu de Artes e Offícios, equiparado ao Gymnasio Nacional. Com duas seções distintas, a de Estudantes (curso Gymnasia, em 6 annos, e de adaptação, em 3 annos), e a de aprendizes das Escolas profissionais de Typografia, Encadernação, Alfaiataria, Sapataria, Carpintaria, Cortume, Funileiros, Serralheria, Pintura e Pedreiros. Freqüência média dos alumnos-250. Anexos e dependências: a) Obsevatorio meteorológico, b) oratorios festivos frequentados por diversas centenas de alumnos; c) associação de S. Luiz de Gonzada, de que fazem parte effectiva a maioria dos es-alumnos do Lyceo; d) aulas nocturnas de ensino gratuito para operários; e) capellarias, missões catequéticas nas fazendas e povoados; f) auxílios parochiaes às obras diocesanas. 2) Oratório S. Antonio, no Coxipó, grande chácara destinada para um centro agrícola de futuro. Actualmente allí funcionam um pequeno externato, noviciado e cursos de philosophia, theologia e pedagogia. Em Corumbá – 1) Collegio Santa Thereza, internato e externato, curso elementar (do Estado) e commercial. Tem uma freqüência média de 150 alumnos, numero que de muito accresce aos domingos e dias de feriados, com as aulas catecheticas, de character eminentemente popular. 2) incipientes Escolas profissionaes e aulas nocturnas. 3) Missões, Caoellarias e auxilios parochiais ás obras diocesanas. Nas Colônias – 1) do Sagrado Coração de Jesus , no rio Barreiro – O serviço da cathese – em toda a extensão do termo – desde a cata do selvagem nos seus mais distantes aldeamentos até a escola, desde a Igreja até o amanho das terras. Esta colônia abrange: 35 casas e ranchos, 2 escolas, 1 capella, incipientes officinas de ferreiro e carpinteiro, de cortume, diversos teares, etc. Hatualmente nella residem para mais de 300 boróros. 2) da Imaculada Conceição, no rio das Garças – O mesmo serviço que anterior, porém menos numero em vista da recente data de sua fundação e habitação. 3) das Palmeiras ainda não habitada por índios, devido á falta de recursos. 4) do sangradouro, com grandes terrenos, pastagens e mattas. Patrimônio actual das outras colônias, foi adquirido com fito de, retalhada em lotes, ser repartida aos índios que melhor se portarem durante a catechese e ponto de contacto entre os dois primeiros centros e a capital do Estado. (*Missões Salesianas em Mato Grosso 1894-1908*, p. 16-17)

Para as elites dirigentes e intelectuais de Mato Grosso, essas realizações desempenharam um papel fundamental, não só como expressão das práticas civilizadoras de que o estado necessitava para caminhar rumo ao progresso, mas também como elemento chave nas representações voltadas para alterar a imagem de barbárie que pesava sobre o estado, e que era vista como obstáculo à entrada de imigrantes e investimentos de capitais. Um dos veículos mais importantes, no que diz respeito a essas representações, foram as Exposições Nacionais e Internacionais, consideradas uma verdadeira festa da modernidade. Nelas, apresentavam-se os avanços técnico-científicos, a produção agroindustrial e as peculiaridades de cada país; essas exposições transformavam-se em verdadeiras vitrines do processo de modernização em curso. Na realidade, as exposições impregnavam o imaginário de seus participantes, auxiliando na formação de uma consciência coletiva frente ao movimento modernizador e ao tão sonhado progresso. (Cf. HARDMAN, 1988; MACIEL, 1992; GALETTI, 2000).

Mato Grosso participou de algumas dessas exposições, atingindo seu auge em 1908, na Exposição Nacional, realizada em comemoração ao centenário de abertura dos portos nacionais ao comércio internacional, no Rio de Janeiro, quando, além de seus abundantes recursos naturais, exibiu outros sinais de seu progresso. Superar a imagem de terra da barbárie era a meta dos organizadores mato-grossenses nessas exposições. Por isso, ao lado dos minerais, plantas medicinais, erva-mate, borracha, algodão, cacau, café e derivados da indústria pastoril, interessava-lhes exibir os sinais de sua integração ao conjunto da nação: assim, além dos institutos de educação e a formação profissional e agrícola, era importante salientar a ação civilizadora frente aos, até pouco tempo, incultos filhos da Pátria - os índios. (Catálogo dos produtos enviados pelo Estado do Mato Grosso para Exposição Nacional de 1908).

Esse tema coube aos salesianos que já há mais de dez anos atuavam nas diversas frentes de ensino no estado. Assim, ao lado dos produtos confeccionados pelos alunos de suas escolas, seja do Liceu São Gonçalo, da Escola Agrícola Santo Antônio ou das escolas das Colônias Indígenas, a Missão Salesiana do Mato Grosso levou o resultado da ação catequética e civilizadora dos poucos anos de sua chegada ao estado, para ser apresentado à Nação. Mais do que artefatos e objetos, os padres levaram o próprio índio para ser exposto, agora catequizado e instruído, apto a ser integrado à pátria.

Outro instrumento de propaganda que deu destaque aos salesianos foi o *Álbum Gráfico de Mato Grosso*, publicado em 1914, com mais de quatrocentas páginas, promovendo o estado, falando de suas riquezas e também do seu desenvolvimento. Buscava-se demonstrar que Mato Grosso não era o lugar da barbárie. Promover a obra dos salesianos possuía seu valor porque divulgava uma imagem na qual os índios já estavam sendo domesticados, as classes populares formadas para o trabalho e as elites poderiam se preparar em um agradável Lyceu. O *Álbum* dedicou oito páginas para demonstrar o trabalho dos salesianos em Mato Grosso. Rico em material iconográfico podemos perceber que a principal intenção era popularizar a figura indígena, agora civilizada e apta ao trabalho. Uma foto ilustrativa é a de uma menina indígena em uma máquina de fiar, era o selvagem domado e pronto para o mundo moderno. Outras fotos apresentavam as oficinas do Lyceu em variados ofícios, não faltou também a Escola Agrícola do Coxipó da Ponte, que se apresentava como casa quase exclusiva dos

Bororos que vinham aprender as modernas técnicas agrícolas.

Como podemos constatar, a Missão Salesiana teve um papel central nas práticas e representações destinadas a impulsionar o processo de modernização em Mato Grosso, colocando-o no que então se chamava a marcha da história, do progresso e da civilização. Seja disciplinando a mão de obra, construindo assim um “hábito” para o trabalho, ou formando os filhos das elites locais, estas instituições educacionais e religiosas foram sem dúvida os braços amigos do Estado moderno em Mato Grosso, possibilitando-lhes realizar a educação que as instituições públicas do estado não poderiam atender satisfatoriamente.

A ação civilizadora, a vadiagem e a criminalidade

Os salesianos se apresentavam como solução. A ampla repercussão das atividades da Ordem contribuiu para a imagem do estado enquanto lugar menos primitivo e selvagem, principalmente ao domesticar o indígena. Entretanto, como já mencionado, a ação civilizadora dos salesianos não se limitou aos índios. Além de “domesticar” o elemento selvagem, era também fundamental eliminar aquele que era considerado o principal mal do século: a vadiagem. Sobretudo após o fim do trabalho escravo, quando se tornava necessária a formação de um mercado de trabalho livre, a vadiagem aparecia aos olhos dos coronéis, governantes, da polícia e mesmo da Igreja como um mal a ser combatido, principalmente por sua estreita relação com outro mal, a criminalidade. (FRANCISCO, 1998)

Desde o século XIX, a educação era considerada uma força moral que, atuando na gênese destes males, preveniria não só o crime, mas a formação de seu próprio autor¹⁰. Lembrada nos discursos, a educação passa a ser o tônico moral e solução para aqueles descritos males. Sua ação é preventiva e saneadora. (SIQUEIRA, 1999). Estabelecendo aproximação entre a orfandade e a vadiagem, a imprensa em Mato Grosso via na vadiagem, "os viveiros onde a criminalidade, o roubo, a desordem devem ir mais tarde recrutar seus prossélicos [...] na vadiagem, nesta escola da orfandade a mais desastrada, recrutam-se os monstros que fazem pasmear as sociedades." (*apud* FRANCISCO, 1998, p. 34). Portanto, a definição de vadio virá associada à malignidade que naturalmente conduziria aos variados delitos como: “furtos, crimes, exploração da mendicância, fugas das usinas” (FRANCISCO, 1998, p. 42). Eram os que não se adaptavam ao trabalho, considerados indivíduos que "ignoram tudo, não têm a mais ligeira noção para o bem, apenas uma decidida propensão para o mal". (FRANCISCO, 1998, p. 2).

Adilson José Francisco, que analisou a documentação oficial acerca do tema, afirma que ela

¹⁰ Segundo a historiadora Luiza Volpato, “a preocupação em recolher os órfãos nos estabelecimentos caridosos estava intimamente ligada à preocupação com a disciplinarização do trabalho. Aí essas crianças receberiam uma educação baseada no trabalho e na religião, que visava torna-las futuramente úteis à sociedade, ou seja, trabalhadores dóceis e disciplinados. (VOLPATO, 1993 *apud* CRUDO, 1999, p. 21).

“caracteriza não só quem é o vadio, mas, delinea por esta definição o diagnóstico da vadiagem como sendo a ausência de profissão” (FRANCISCO, 1998, p. 66). Já não se trata apenas de uma propensão para o mal, mas também da ausência de profissão. Assim, unindo-se as formas tradicionais de domínio pela força a educação será convocada como auxiliar.

A ação regeneradora dos vícios e da perdição não passa por qualquer educação, importa antes, aquela que seja proveitosa, que regenere não só para o trabalho, mas no trabalho, extensa já não apenas aos criminosos, mas lavradores que carecem de aprender melhor. Desta forma a função da educação proveitosa deve ir além de seus destinatários imediatos, deve atingir toda a população sobremaneira a mais pobre, aqueles de laboriosa profissão. Assim sendo, as demandas pela educação como direito extensivo a todos e como obrigação do Estado sofrem um redutor, em sua própria concepção. Educar as classes pobres é formar para o trabalho, banir a ignorância é eliminar o vício do ócio, fonte da criminalidade. (FRANCISCO, 1998, p. 68).

Tratava-se, assim, de inserir os princípios, as práticas, o valor e a necessidade do trabalho para transformar o homem e o menino pobre em trabalhador apto às demandas cada vez mais crescentes do mercado de trabalho. A partir disto, o trabalho deveria tornar-se algo dignificante, desejável enquanto condição do progresso individual e social. As palavras do bispo D' Amour em carta pastoral de 1894 ilustra esta afirmação.

Os referidos missionários não se limitarão a catequizar os indígenas, mas propõem-se a fundar escolas agrícolas, como o têm feito nos outros Estados, e uma casa de educação ou liceu, nesta capital, onde se ensine ofícios e artes aos meninos menos favorecidos da fortuna, sem excetuar os filhos dos mesmos, silvícolas, preparando-os para receber instrução mais elevada se não se contentarem com as condições de artífices e operários. (*apud* FRANCISCO, 1998, p. 98-99).

O projeto salesiano oferecia essa oportunidade considerando o trabalho como peça fundamental do processo educacional. A educação era voltada para a formação dos bons cristãos e honestos cidadãos, com um ofício que fosse “socialmente útil”.

É importante destacar que a educação e a disciplina para o trabalho ocupavam um lugar de destaque no projeto civilizatório para a região mato-grossense, (ao qual se agregava a necessidade de meios de comunicação mais eficazes com o litoral civilizado, a colonização e a imigração estrangeira) como também no projeto maior de construção da nação brasileira, sobretudo após a implantação do regime republicano (SIQUEIRA, 1999). De fato, esta compreensão da educação como promotora da disciplina e condição para o progresso representou uma característica do ideário moderno, que encontrou canais privilegiados para sua difusão nos programas liberais e positivistas no Brasil, dos primeiros anos de República.

O casamento salesiano com o Estado na Primeira República

O projeto liberal defendeu a educação e a canonizou como um direito. A obrigatoriedade,

oficializada no país desde a Reforma Geral de 1854, tornou-se elemento do discurso republicano, contudo, sua ambiguidade apareceu expressa em dois problemas básicos. Primeiro, a omissão do Estado, que gerou um enorme quadro de carências, falta de quadros profissionais, precariedade ou inexistência de prédios, mobiliários, utensílios etc. Segundo, a dualidade do ensino que se refletiu na forma como este foi disseminado na população. O ensino profissionalizante presente nas escolas públicas tornou-se seletor social. Para as classes pobres seria suficiente o ensino primário. Aos filhos das classes média e alta foi destinado o ensino secundário científico-humanista, possibilitando a formação de bacharéis e abrindo acesso aos cursos superiores. (FRANCISCO, 1999).

Em Mato Grosso, o governo do estado confiou aos salesianos a tarefa da educação profissionalizante. Essa transferência foi, também, uma tentativa de superar o prejuízo em que se encontrava o estado. O censo de 1890, realizado pelo IBGE, constatou que em Mato Grosso viviam 92.827 habitantes; destes, apenas 15.679 pessoas sabiam ler e escrever, o que significava dizer que 83% da população era analfabeta. A defesa da alfabetização e da educação da população encontrou no ensino profissional a saída para aquele quadro sociocultural anteriormente descrito, constituindo-se em bandeira de luta de inúmeros dirigentes e intelectuais, que postulavam incessantemente a educação, agora mais do que antes, como dever do Estado.

Assim, a expansão da rede escolar pública e privada em Mato Grosso seguiu as exigências do período de desenvolvimento do capitalismo que caracterizava o Brasil da Primeira República. Entretanto, se a educação como força moral do progresso foi tema recorrente no início do regime republicano, sua viabilização enfrentou dificuldades na prática. Portanto, foi nesse contexto que a proposta educacional católica salesiana se apresentou como uma saída e conseqüentemente não enfrentou grandes obstáculos para sua implantação, pois seus objetivos estavam muito próximos aos objetivos do Estado, e a parceria favoreceria os dois.

A vinda dos salesianos para Mato Grosso atendeu aos anseios e às necessidades das elites dirigentes e religiosas do estado, preocupadas em eliminar os obstáculos que se antepunham ao seu progresso material e espiritual. Entre estes obstáculos, figuravam as inúmeras sociedades indígenas que ocupavam grande parte do território do estado, impedindo o aproveitamento de suas riquezas, e as populações pobres que eram vistas como preguiçosas e ignorantes, um peso para o Estado, já que resistiam ao trabalho, agravando o que se considerava um dos maiores problemas regionais: a falta de braços para as atividades produtivas.

Todavia, a instalação dos salesianos atendia também aos objetivos da própria Ordem de D. Bosco, no que dizia respeito ao trabalho missionário nas regiões do mundo, em especial da América Latina, nas quais existia esse grande contingente populacional, os indígenas, que eles imaginavam necessitados de uma ação evangelizadora. Uma ação que deveria não apenas converter os índios em cristãos, mas também lhes dar uma formação capaz de integrá-los à sociedade como trabalhadores de mão de obra útil ao progresso social.

Essa identidade de objetivos, anseios e necessidades que se verifica entre as elites mato-

grossense e os salesianos certamente contribuiu de forma decisiva para direcionar as atividades por eles desenvolvidas em Mato Grosso. Tais atividades moveram-se em três dimensões: a catequese dos indígenas; a transformação destes e das populações pobres em força de trabalho disciplinada e ordeira e a formação de jovens das classes abastadas e médias da sociedade regional, preparando-os tanto para as escolas superiores nos centros de ensino mais desenvolvidos do país, quanto para o sacerdócio. Essas três frentes de trabalho concretizaram-se, nas Colônias indígenas, no Liceu São Gonçalo e na Escola Agrícola Santo Antônio, que, a partir de 1957, com a extinção da escola agrícola, tornou-se Colégio Patronato Santo Antônio, destinado a atender crianças e adolescentes, principalmente localizados na periferia da cidade.

Durante a Primeira República, Estado e Igreja se uniram na demanda de uma congregação religiosa europeia para a região, a fim de atuar na catequese indígena e na educação na capital do estado, num período em que o recém-instaurado regime republicano tornara o Estado laico. Nesse momento, destaca-se o esforço dos salesianos em realizar experiências de caráter profissionalizante, tanto no Liceu de Artes e Ofícios quanto na Escola Agrícola Santo Antônio.

As crianças pobres e desamparadas constituíram o alvo privilegiado das experiências voltadas para a profissionalização, sendo que grande parte delas voltou-se para a regeneração ou proteção dos menores da marginalidade via trabalho, já que se acreditava em sua influência construtiva ao afastar os menores do ócio, desenvolvendo neles hábitos e valores do trabalho: pontualidade, ordem, regularidade, obediência e produtividade.

A atuação dos salesianos no campo educacional mato-grossense pode ser observada sob esta ótica: Educação pelo trabalho e para o trabalho. Se considerarmos quem era essa população de jovens no período da fundação da primeira escola salesiana, o Liceu Salesiano, em 1894, no mesmo ano da chegada da congregação ao estado, podemos constatar a grande heterogeneidade presente na sua composição. Existiam os filhos da elite, as crianças pobres urbanas, as crianças pobres rurais e os índios.

O projeto salesiano se propunha a trabalhar com todos eles, atendendo a cada “necessidade” de forma particular. Ou melhor dizendo, a necessidade da elite na manutenção dos papéis que aquela estrutura social demandava. Foi dentro da tentativa de atender a tal população heterogênea de jovens que se inscreveu a vinda dos salesianos. O programa do ensino do Liceu abrangia duas categorias: a primeira dizia respeito ao ensino científico, que podia ser literário ou de cursos de estudo; a segunda, ao ensino profissionalizante e de cursos de aprendizagem. Em 1910, uma reforma do ensino, de caráter modernizador, foi implementada em Mato Grosso, vindo a reforçar ainda mais a necessidade da natureza prática da educação, moldando-a aos traços da civilização moderna, ao propor que o ensino deveria partir do concreto.

Nas primeiras décadas após a instauração da República, em Mato Grosso, como de resto em todo o Brasil, as elites políticas e intelectuais alimentaram o sonho do progresso e da civilização, e neste sonho a agricultura tinha um papel central. Para as elites mato-grossenses a agricultura era uma

“vocação natural” de Mato Grosso, dada a grande extensão de terras que se acreditava ser de grande fertilidade (CASTRO, 1994). Contudo, o desenvolvimento agr colico carecia de braços para o trabalho, e era imprescindível não apenas traz -los de fora, já que a popula o local era exígua, mas atuar sobre a popula o aqui existente, disciplinando-a para o trabalho e investindo na conforma o de uma sociedade ordenada, em que cada um desempenhasse seu papel resignadamente em prol do progresso estadual e nacional.

Entretanto, não podemos nos esquecer da popula o indígena que há tanto tempo era vista como um empecilho e ao mesmo tempo soluço, quando civilizada, catequizada, ao progresso de Mato Grosso. Para o Estado, combater os índios estava oneroso e também não os transformava em mão de obra para abrir as estradas do progresso. Assim, será neste contexto específico que a contribui o dos salesianos e principalmente da Escola Agrícola Santo Antônio poderá ser percebida. Além da sua utilidade enquanto propaganda segura, acerca do avanço civilizatório do estado e colocando-se no rumo do progresso. Podemos observar o discurso das balizas prodigiosas da escola, assim como o atendimento prestado aos jovens pobres e indígenas, na reda o do  lbum Graphico do Estado de Mato Grosso, publicado em 1914. O anúncio dizia:

Fundada há três anos pela mesma Missão Salesiana a Escola Agrícola S. Antonio do Coxipó da ponte, a poucos quil metros de Cuiabá destina-se ao ensino theorico prático da agricultura moderna   rapazes pobres que são atualmente 21 internos, entre os quase 15 jovens índios bororos. Esta escola está situada a margem esquerda do aprazível rio Coxipó, e além do antigo prédio provisório, poço o novo definitivo, já em adiantada constru o, um interessantíssimo museu de variados produtos e artefatos (tecidos chapéus, escovas, vinhos, etc.) das col nias indígenas e finalmente um campo de 28. 350 metros quadrados, caprichosamente arado e cultivado. (ALBUM GRAPHICO, 1914, p 23.).

Assim, o poder público reconheceu na aliança com os salesianos a possibilidade de ordenar o caos e a barbárie representados pelos  ndios. A defesa do trabalho dos salesianos, criticado por alguns setores, especialmente pelos militares positivistas, que com eles disputavam o cuidado com os índios, foi feita em diversas ocasiões por políticos de renome em Mato Grosso. Um exemplo neste sentido foram as palavras do deputado federal Serzello Corrêa, em 1908, defendendo que o governo federal remunerasse o trabalho e gastos do Pe. Malan, que chamou de Novo Anchieta:

O ano passado fiz consignar no orçamento a verba de 50 contos como auxílios   Missão Salesiana dirigida pelo ven. padre Malan e que em Mato Grosso se encarrega da catechese dos  ndios. Não era muito que neste período em que se cogita de apressar o povoamento do solo pela migra o do elemento estrangeiro, dizia eu, não era demais dar 50 contos para chamar   civiliza o e entregar à vida pastoril e agrícola milhares de indígenas que habitam as florestas do Mato Grosso. (Missões Salesianas em Mato Grosso 1894 – 1908, p. 167).

E após expor os benefícios do projeto salesiano conclui:

Aos poderes públicos incumbe amparar e auxiliar essa missão de tão fecundos resultados. Eu Apelo Daqui para o Senado, já que na Câmara   impossível consignar qualquer auxílio no orçamento da via o – O padre Malan mostra ao governo que, com a aquisi o do sitio do Sangradouro, despendeu 28 contos. Com o Transporte de teares e de caixões com roupa e instrumentos agrários

despendeu mais de 3 contos (...) enfim teve uma despesa de mais de 100 contos, donde um déficit que precisa de ser coberto e que está sob a responsabilidade pessoal desse eminente sacerdote. Mas que é isso ante a grandeza da obra de que venho a dar notícia ao público? (Missões Salesianas em Mato Grosso 1894 – 1908, p. 167-168).

O desejo de promover o progresso de Mato Grosso e situá-lo no caminho da civilização colocou em pauta a importância de se inculcar nos jovens pobres a valorização de um ofício, que os tornaria “cidadãos” úteis à sociedade, bem como ao elemento indígena que, por meio da catequese, se transformaria em peças fundamentais no desenvolvimento do Estado. Foi nesse contexto que acreditamos ter sido importante a construção de escolas e outros lugares de formação intelectual, moral e cívica. Formar um povo disciplinado para o trabalho, espiritual e fisicamente sadio era uma necessidade premente para o início do XX, sobretudo nessa região em que o selvagem e o civilizado conviviam, buscando “harmonizar-se para conquistar o tão sonhado progresso”.

A opção que melhor parecia ter se ajustado à necessidade era o método trazido pelos salesianos (método preventivo), que se ajustou perfeitamente às necessidades da disciplina moderna, pois sem recurso à violência ou à coerção física, a vigilância tornou-se funcional e eficaz pela onipresença hierarquizada. A escola Salesiana contribuiria para a produção e constituição históricas do sujeito moderno. Para compreendermos melhor o sentido de modernidade que povoava o imaginário brasileiro, e, portanto, ideias que se traduziram em práticas na educação salesiana, será útil a leitura de um registro feito por um visitante, no momento de sua passagem pelo Colégio São Gonçalo.

Visitando hoje o Colégio Salesiano, senti-me tão satisfeito com a ordem, disciplina, adiantamento moral e material que nele se notam, que não trepido de avançar, obedecendo aos ditames da minha consciência, ter sido a minha melhor impressão recolhida em minha viagem do Rio ao futuroso Estado do Mato Grosso. É sempre elevado e patriótico, divino mesmo, todo esforço em prol da instrução o que nunca conseguiu e nem conseguirá a “força material”, a unificação das raças humanas, e assim uma só família com as mesmas leis, os mesmos costumes, constituirá o esforço supremo desta luta ingente contra a ignorância e preconceitos. (Livro de Impressões Lavradas pelos Visitantes do Liceu Salesiano São Gonçalo, 1899-1922), 7/4/1900, Cuiabá, ACSG).

A percepção da educação como criadora da ordem, da disciplina, do adiantamento moral e material, como ação patriótica e divina, como unificadora das raças, não consiste em simples agrados ou utópicos delírios de um visitante, mas na realidade representam o espanto e a alegria ao ver concretizados naquela paisagem alguns de seus ideais político-filosóficos.

Considerações finais

Foi para completar o quadro das escolas salesianas e conseguir atender aos anseios daqueles que desejavam o progresso que a Escola Agrícola Patronato Santo Antônio nasceu. Na busca de formular um projeto que englobasse um público tão heterogêneo, surgiu o Liceu Salesiano de Artes e Ofícios, oferecendo ensino em três níveis e que, portanto, atenderia desde os filhos ilustres da elite, até os jovens aprendizes de ofícios, com formação geral humanística e preparatória para o curso

superior, formação técnica, e aprendizado de trabalhos manuais.

As Missões deveriam catequizar os índios e ensinar, via escolas nas colônias, um ofício e acima de tudo o amor ao trabalho. Os indígenas, pregavam os salesianos, deveriam sair do estágio primitivo de trabalho, para viver e começar a viver para trabalhar. A consciência coletiva gestada por intermédio da educação salesiana de Dom Bosco servia de pilar para o ordenamento da sociedade e o desenvolvimento no rumo do progresso.

Os salesianos se compreendiam como desbravadores e benfeitores, pois, ainda que tirassem a liberdade desses meninos (quando os retirava de suas aldeias e famílias e os colocavam em regime interno sob vigilância constante), lhes estariam dando em troca a possibilidade da sobrevivência terrena, e a conquista da vida eterna. Isso justificava plenamente sua ação; aliados do Estado, disciplinaram jovens índios, órfãos, menores carentes, e, paralelo ao crescimento destes, que formavam os braços e pernas para construção do estado de Mato Grosso, também cresceu a instituição, como não poderia ser diferente, afinal era a “retribuição” que estes salesianos “mereciam” e esperavam, o trabalho incondicional dos jovens a quem eles “davam tanto”. Para o Estado, o casamento foi perfeito, não recaiu somente em seus ombros o “fardo” de conseguir proporcionar educação a “todos” desse sertão e atender aos apelos da elite local, por uma nova imagem de sua população.

Concluindo, o projeto salesiano de civilização para Mato Grosso atendeu ao apelo do progresso modernista sonhado pelas elites locais, assim como a defasagem vivida pelo estado, para proporcionar educação à sociedade mato-grossense. A catequese indígena, motivo primeiro pelo qual os salesianos foram convidados, posteriormente foi ampliada, constituindo-se de internatos para os filhos dos índios, dos agricultores, dos fazendeiros, dos comerciantes, dos dirigentes locais. O Lyceu de Artes e Ofícios São Gonçalo, as Colônias Indígenas e a Escola Agrícola Santo Antônio transitaram nas representações da época como uma solução eficiente de civilização para o sertão mato-grossense, e constituíram-se em práticas concretas na busca de sua realização.

Referências

ALVES, Gilberto Luis. **Educação e História em Mato Grosso: 1719-1864**. Campo Grande: UFMS, 1984.

_____. Mato Grosso e a História: 1870-1929 (ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a Hegemonia do capital financeiro). **Boletim Paulista de Geografia**, n° 61, 2° sem. de 1984. São Paulo: 1985

CASTRO, M. Inês M.; GALETTI, Lylia S. G. Histórico dos Usos da Biodiversidade em Mato Grosso. In: CASTRO, Carlos F. de Abreu. **Diagnóstico do Setor Florestal em Mato Grosso**. Brasília: IBAMA-ITTO-FUNATURA, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações. Memória e Sociedade.** Lisboa: Difel, 1988.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva. Os pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CRUDO, Matilde Araki. **Os Aprendizes do arsenal de Guerra de Mato Grosso: Trabalho Infantil e Educação (1842-1899).** Tese (Doutorado em Educação) da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 1999.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social. Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, s/d.

FRANCISCO, Adilson José. **Apóstolos do Progresso: A prática educativa salesiana no processo de modernização em Mato Grosso (1894 - 1919).** Dissertação (Mestrado em Educação) da Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá: 1998.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **De sertão à fronteira: representações sobre Mato Grosso (sécs. XIX-XX).** (projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq). Campinas, 1994.

_____. **Nos Confins Da Civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso.** Tese (Doutorado em História) da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: Abril de 2000.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma. A Modernidade na Selva.** São Paulo, Cia. das Letras, 1988.

HOBBSAWM, E. **A Era dos Impérios.** São Paulo: Cia das Letras, 1988.

MACIEL, Laura Antunes. **A Capital de Mato Grosso.** Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1992.

MARCILIO, Humberto. **História do ensino em Mato Grosso.** Cuiabá: Secretaria de Educação, Cultura e Saúde do estado, 1963.

NEUVALD, Luciene. **A Maior Dádiva do Estado Novo a Mato grosso? O Aprendizado Agrícola Gustavo Dutra no período Populista (1943-1964).** Dissertação apresentada ao Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 1997.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Luzes e Sombras. Modernidade e Educação Pública em Mato Grosso (1870-1889).** Tese apresentada ao Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 1999.

_____. COSTA. L. A; CARVALHO, C. M. C. **O Processo Histórico de Mato Grosso.** Cuiabá: Editora Guaicurus, 1990.

VOLPATO, Luiza. **Cativos do Sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888.** SÃO Paulo, Marco Zero/Cuiabá: Edufimt, 1993.

Fontes impressas

AYALA, Cardoso; SIMON, Feliciano. **Álbum Graphico de Matto-Grosso (EEUU do Brasil)**. Corumbá; Hamburgo: Ayalas & Simon Editores, 1914.

CATÁLOGO dos produtos enviados pelo estado de mato grosso para a exposição nacional de 1908. Estabelecimento Avelino Siqueira, Cuiabá, 1908.

CORAZZA, Pe. José. **Esboço Histórico da Missão Salesiana de mato Grosso**. Campo Grande: 1995.

LIVRO de Impressões Lavradas pelos Visitantes do Liceu Salesiano São Gonçalo (1899-1922), 7/4/1900, Cuiabá, ACSG.

MISSÕES Salesianas em Mato Grosso 1894-1908. Rio de Janeiro: s/e, Introdução de Helvecio Oliveira, 1908.

MOUTINHO, Manoel José. **Mensagem à Assembleia Legislativa de Mato Grosso**. 13 de maio de 1893.

PEDROSA, João José. **Relatório apresentado pelo Presidente da Província de Mato Grosso**, João José Pedrosa à Assembleia Legislativa Provincial. Cuiabá, 1º/11/1878, p. 34-35.

Recebido em 04/03/2014

Aprovado em 28/05/2014
